A IGREJA COMO LUGAR DE MISERICÓRDIA E MISSÃO: A ECLESIOLOGIA DE FRANCISCO À LUZ DO EVANGELHO DE MATEUS

Wesley Gabriel Martins dos Santos Albuquerque[1]

Resumo

Embora o termo *Εκκλησία* só apareça duas vezes no evangelho, percebe-se ser a Igreja o interesse mais evidente de Mateus. Nele, a vemos como *corpus mixtum*, onde bem e mal convivem e a comunidade que deve comunicar-se ao mundo, a postura missionária. Logo na *Evangelii Gaudium,* o Papa forja a alcunha de uma "Igreja em saída", e chamando a Igreja a um "discernimento pastoral cheio de amor misericordioso", lembra a postura acolhedora com todos. Espera-se, a partir de alguns textos magisteriais perceber a influência deste Evangelho, bem como a aplicação dos fundamentos evangélicos à realidade da Igreja no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Magistério. Sagrada Escritura. Hermenêutica.

1 INTRODUÇÃO

Mateus é considerado como o Evangelho eclesiológico por excelência. Não tanto pelo uso do vocábulo "igreja" – pois *Εκκλησία* só aparece duas vezes no texto do evangelho (Mt 16,18; 18,17) –, mas pelo fato da fácil percepção em ser este o interesse mais evidente do seu evangelho. Dentre as diversas manifestações a respeito da Igreja, gostaria de chamar a atenção a três: a figura de Pedro e sua relação com a igreja; a comunidade dos crentes como a comunidade dos não perfeitos, onde bem e mal convivem, com suas incoerências e limites; e a comunidade eclesial que é convidada a uma atitude de abertura ao mundo, consequência necessária da tomada de consciência a respeito da sua inerente ação de testemunho, a missão de propagação do alegre anúncio do Reino, por mandato do

[1] Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano; Bacharelando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: wesley.00000845602@unicap.br

próprio Jesus.

2 A FIGURA DE PEDRO NO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Primeiro, é digno de nota que, no Evangelho de Mateus, a figura de Pedro tem particular relevância. Ele é testemunha privilegiada de episódios-chave, carregados de sentido teológico que vão iluminando a compreensão a respeito da pessoa de Jesus, de sua identidade messiânica. Em relação à Igreja, também há razões para voltarmos à reflexão a respeito da figura de Pedro no seio da comunidade eclesial. Os textos sinóticos reconhecem a tradição da famosa profissão de fé do apóstolo (Fabris; Barbaglio, 2014), o que elucida o quanto tal tradição era cara às comunidades primitivas. Uma das exclusividades do relato mateano é que Jesus, em resposta ao ato de fé de Pedro, ajunta uma bem-aventurança e uma promessa: "Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, pois não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra eu edificarei a minha igreja" (Bíblia [...], 2002, Mt 16,17s, p. 1733).

A presença moral de Pedro no cristianismo primitivo, onde fora gestado o Evangelho, por volta da segunda metade do primeiro século da nossa era, merece atenção. Uma coisa é certa: o apóstolo já havia morrido. Então, porque seria importante deixar marcado no texto, a importância de sua figura? Barbaglio nos ajuda a especular, afirmando que, certamente, reflete-se aqui um sentimento presente àquelas comunidades eclesiais: a necessidade de uma "tradição viva e intérprete da palavra do mestre, segundo as novas situações e exigências" (Fabris; Barbaglio, 2014, p. 62), que seria figurado, então, nos sucessores do apóstolo. Num tempo em que o magistério papal é tão insensivelmente questionado sob os mais diversos prismas, se torna urgente retomarmos essa noção de eminência da figura petrina.

3 IGREJA COMO LUGAR DE MISERICÓRDIA

No texto do Evangelho, como afirmamos acima, o interesse eclesiológico é notável, muito além daquele a que nominamos o discurso eclesiológico do capítulo 18. Diversos trechos evidenciam uma preocupação a respeito do modo de viver os ensinamentos de Jesus, ao mesmo tempo em que ele são proclamados. A relação com os mais pequenos, a maneira cristã de viver a autoridade, de resolver os conflitos internos, o perdão das ofensas, a vivência dos carismas e ministérios. Em suma, a comunidade mateana deixa refletir o seu rosto através das preocupações em se deixar forjar pelas palavras de Jesus, no seu caminho.

Podemos perceber no magistério do Papa Francisco lampejos dessa visão eclesiológica. De maneira recorrente, vemos em seus discursos e textos a marca de quem enxerga que "a Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma reforma perene" (Vaticano, 1964, n.6, *apud* Francisco, 2013, n.26). Reformas que são necessárias para que haja maior fidelidade à sua vocação, enquanto corpo de Cristo, continuação de sua obra. Desta reforma não está imune o papado, enquanto afirma: "Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização" (Francisco, 2013, n. 32).

Isso nada mais é do que a compreensão clara da Igreja como *corpus mixtum*, o lugar onde há sempre, no coração de cada fiel batizado e da comunidade cristã, o embate entre bem e mal, a fidelidade e infidelidade em relação a Jesus e à sua obra de salvação. Na linguagem de Mateus, o convívio entre o joio e o trigo, a prudência e a imprudência, os peixes bons e os maus, repito, tanto a nível pessoal, como comunitário. Precisamos, portanto, sempre de reforma.

Há uma consequência natural desse autorreconhecimento da Igreja enquanto o lugar dos convocados pelo Senhor para o banquete da sua vida, bons e maus, como nos recorda a parábola do festim das núpcias

(22,1-14). A comunidade dos discípulos é onde se deve acolher a todos sem distinção. Enquanto vai avançando nas sendas da história, rumo à meta do Reino, o Papa nos motiva a um "discernimento pastoral cheio de amor misericordioso, que sempre se inclina para compreender, perdoar, acompanhar, esperar e sobretudo integrar" (Francisco, 2016, n. 312).

Esta postura é de uma comunidade que se autorreconhece necessitada da misericórdia de Deus, e por isso mesmo é com esta mesma postura misericordiosa que deve acolher todos os que se aproximam dela. Lembremos, inclusive, que a própria relação com Deus, no seu culto, se torna legítima ou não à medida em que estamos nos relacionando com os outros de maneira misericordiosa (Mt 5,23ss). A igreja é o lugar da misericórdia:

> Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. [...] Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado (Francisco, 2015).

4 IGREJA COMO LUGAR DE MISSÃO

No que diz respeito à ação missionária, tão cara era esta ação ao evangelista que lhe é dedicado todo o capítulo 10 a esse respeito, onde vemos a aplicação do discurso missionário de Jesus a toda a comunidade dos crentes (Fabris; Barbaglio, 2014). Já na *Evangelii Gaudium,* Exortação Apostólica que contém as primeiras linhas que expressam suas intenções de ação enquanto pastor e servo da comunhão da igreja universal, o Papa recorda à igreja a sua característica missionária, forjando a sua tão conhecida alcunha de uma *Igreja em saída*: "Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação" (Francisco, 2013, n.27). Ou seja, o reconhecimento que o

anúncio do Evangelho, tarefa dos discípulos de Jesus, é uma exigência atual para a transformação da realidade em que vivemos.

Não é uma escolha, mas uma imposição, à semelhança do que nos recorda Paulo (cf. 1Cor 9,15). É mandato de Jesus, vide a conclusão do texto canônico de Mateus com o envio missionário e a ordem por parte do Senhor de que se façam seus discípulos todos os povos, sendo este último uma diferença notável com o seu correspondente marcano. "Os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível", recorda-nos Francisco (2013, n. 14).

Na verdade, o Papa encara a missão como um transbordamento desta dimensão *ad intra*, a partir do encontro com o Senhor na comunidade. E como "toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão" (Francisco, 2013, n. 9), a comunicação a tantos quantos não foram ainda conduzidos ou não se deixaram conduzir a este encontro ressignificante é consequência natural. Todas as estruturas humanas merecem a comunicação dessa alegria do encontro com o Senhor.

A comunidade messiânica só tem uma mensagem para transmitir ao mundo: ser "mestra do mandamento de amor ensinado por Cristo" (Fabris; Barbaglio, 2014, p. 68). Na realidade, tanto para o Papa Francisco, como transparece no evangelho de Mateus, o critério capaz de conferir credibilidade à autenticidade da vida cristã é exatamente a práxis. É o testemunho das obras de amor, à semelhança de Cristo, que devem inspirar a humanidade a, vendo-as, darem glória ao Pai Celeste (cf Mt 5,16). Este "povo que peregrina para Deus" deve ter a noção que o "querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros" (Francisco, 2013, n. 177).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O magistério papal é muito mais amplo, de fato. Seria necessária uma expansão das obras consultadas para conseguir, de fato, extrair as possíveis influências do texto mateano sobre a visão eclesiológica de Francisco. Tanto o Evangelho como os ensinos magisteriais de Francisco podem transmitir-nos muitas visões eclesiológicas dignas de atenção e aprofundamento.

Aqui, em linhas gerais, não se tem a intenção de esgotar o que se pode perceber de tal influência. O objetivo é tão somente destacar alguns pontos e contato com linhas mestras que são percebidas através da exegese bíblica do Evangelho de Mateus. Assim como entendê-lo como possibilidade de um esforço do magistério papal em fazer uma hermenêutica dos princípios evangélicos, e a aplicação dos fundamentos da fé cristã no tocante à realidade da Igreja no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FABRIS, Rinaldo; BARBAGLIO, Giuseppe. *Os Evangelhos, I.* Coleção Bíblia Loyola, vol. 1. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano: 2013. In: www.vatican.va.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia*. Vaticano: 2016. In: www.vatican.va.

FRANCISCO. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia *Misericordiae Vultus*. Vaticano: 2015. In: www.vatican.va.

VITÓRIO, Jaldemir. *Mateus:* o evangelho eclesial. São Paulo: Loyola, 2017.